



APRESENTAÇÃO [EM FRAGMENTOS]

Narciso Telles
Bruna Bellinazzi
Emilio Garcia Wehbi

Os estudos deste Dossiê, assim como esta apresentação, são um traçado de fragmentos que procuram refletir e narrar uma experiência em comum: a Ação '58 Indícios Sobre o Corpo [versão Brasil] realizada em Uberlândia (MG) em outubro de 2016.

[1] Emilio Garcia Wehbi, trechos de apresentação do livro COMMUNITAS de Emilio García Wehbi y Nora Lezano. Buenos Aires: Editorial Planeta, 2015. [tradução Narciso Telles]

O corpo é o campo de batalha onde todas as guerras foram travadas. Aquelas de alguns corpos contra outros, por razões de raça, sexo, cultura, mercado e do corpo consigo mesmo, pelos mesmos motivos. Foucault - entre muitos outros - ensina-nos que o corpo é um mapa político no qual as relações de poder operam direta ou indiretamente sobre ele, mas sempre com a vontade de discipliná-lo, regulá-lo, reprimi-lo.

As armas para subjugar o corpo têm sido tantas ao longo da história que seria exaustivo mencionar, mas basta pensar nas estratégias que, por exemplo, as religiões - todas sem exceção - costumavam dominar os homens através da palavra, para entender que o corpo é um território a ser invadido, conquistado e colonizado com a missão de impor noções de cultura (bom gosto, estética, mercado, etc.) e assim transformá-lo em um espaço estranho à sua própria subjetividade. De alguma forma, nosso corpo não deve pertencer a nós, e somos invadidos - como em uma ficção científica ou filme de terror - pelos usurpadores de corpos que, em nome da moralidade ou beleza ou saúde ou economia, estão esboçando nela uma política de dominação.

Finalmente, acabamos odiando nosso próprio corpo e procuramos modificá-lo por meio de intervenções externas, como operações estéticas absurdas, dietas cruéis ou roupas delirantes que, na forma de espartilhos contemporâneos, modelam nosso cérebro, nossa liberdade e nosso desejo. Mas também deve-se dizer que, ao longo dos séculos XX e XXI, as artes da cena foram e continuam sendo um dos espaços potentes de resistência contra essa submissão e dominação do corpo.

"58 Indícios Sobre o Corpo", ação em que, tomando o texto homônimo de Jean Luc-Nancy, 58 performers durante três horas, desnudam-se e apresentam este aforismo-filosófico enquanto um a um marcam com argila seu corpo, suas cicatrizes, compondo uma coreografia cíclica que narra metafóricamente o curso poético de seu corpo e de sua história pessoal. Tudo ao som do madrigal de Jordi Savall. Com essa Ação, entendemos que só seremos livres quando nos reconhecemos no espelho da alteridade e da diferença.

[2] Bruna Bellinazzi

Em 58 Indícios Sobre o Corpo [versão Brasil] eu carregava dentro de mim outro corpo, gerava em meu ventre outro ser vivo, que assim como eu, dançava nu, em plenitude, dentro do seu mar: líquido amniótico.

Para mim a sensação não poderia ser melhor... Colocar-me diante de outros olhos, em total liberdade de vestes e exibir minha lua cheia, barriga, em movimento.

Em toda minha vida, a melhor fase que vivenciei de aceitação e adoração ao meu corpo, foi durante a gestação. Me sentia diferente, plena, poderosa, segura, apaixonada, feliz e todos esses sentimentos se fizeram presentes ao performar os 58 indícios.

Diante de todos os outros corpos, todos em movimento, sentia o bebê se movendo dentro de mim e contrariando minhas expectativas, eu só conseguia

pensar nele. Que experiência a sua, meu filho, o que será que está se passando aí do lado de dentro?

Dentro, fora, oposição ou semelhança? O indício 54 diz que a pele é “toda voltada para fora e ao mesmo tempo envelope do dentro, do saco cheio de borborigmos e mofo.” Essa ambiguidade entre o dentro e o fora é pautada pela pele que está, para mim, no âmago da questão pois a experiência da performance tratou dos campos sensoriais e sensíveis e a pele é um dos nossos principais receptáculos sensoriais.

Não obstante, o indício que escolhi para dizer tratava de colocar em reflexão as questões da pele: “A verdade é a pele. Ela está na pele, ela faz pele: autêntica extensão exposta.” A pele, nosso maior órgão, é autêntica ela é a nossa maior verdade e expõe as marcas, do fora e do dentro. “A pele toca e se faz tocar” ela é o espaço das sensações, do arrepio, do encontro. “A pele acaricia e afaga, se machuca, se corta, se arranha. É irritável e excitável. Toma sol, frio e calor, o vento a chuva.”

Tomada pelos significados e sensações do indício 54, durante a performance, eu pensava no bebê a se mover dentro de mim, em sua pele e na minha pele, na relação entre todas essas peles e na dicotomia que se estabelecia ali, no ato, pois os performers não tocavam-se durante a ação.

Embebida de todas essas sensações e pensamentos, externalizava então a minha sequência de movimentos que a essa altura já estava toda modificada, tamanha a contaminação que sofrera durante todo o processo.

A performance então, para mim, tocou na pele e a fez movimento.

O meu movimento, o movimento dos outros, o movimento de dentro, o movimento de fora, o movimento da ação, o movimento do público, o movimento do som, o movimento das falas, o movimento dos indícios. Muito mais que 58 corpos, muito mais que 58 indícios, muito mais que 58 movimentos.

[3] Narciso Telles

Continuando a perseguir a(s) forma(s) de registro das experiências cênicas efêmeras e irrepetíveis esse Dossiê é, ao mesmo tempo, a [im]possibilidade de rememorar o acontecimento artístico tal qual, mas também a perspectiva de [re]corporar pela escrita a experiência artística dos participantes na abertura de um campo reflexivo com e a partir da Ação '58 Índícios Sobre o Corpo [versão Brasil].

A proposta da realização desta Ação em Uberlândia foi gestada e produzida pelo Coletivo Teatro da Margem (Narciso, Nádia, Adriana e Marcella) movidos pela necessidade de criar um lugar de diálogo da produção cênica uberlandense com as práticas artísticas mais híbridas e contemporâneas. Assim buscamos juntos aos Projetos 'O artista cênico em desalinho' que coordeno na UFU e DINTER UFU-UNIRIO financiados respectivamente pelo CNPq e CAPES o aporte necessário e o apoio institucional do Instituto de Artes, dos Cursos de Teatro e Música e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC).

Os escritos desse Dossiê realizados em sua maioria por performers participantes da Ação e espectadores, são resultantes da disciplina Tópicos Especiais em Crítica e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFU, ministrada pelos professores doutores Adilson Florentino (PPGAC-UNIRIO) e Bruna Bellinazzi com a participação de Narciso Telles e Emílio Garcia Wehbi.

Além do dossiê temático, esse número da Rascunhos apresenta em sua Sala de Ensaio outros artigos que versam sobre temas e modos de existência das Artes da Cena em seus mais variados enfoques e matrizes. Uma boa leitura!